



A escassa definição que possibilita uma vasta (re)significação: do cultural e do social aos usos do termo sociocultural¹

Mateus Luan Klein Karling²

Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS

RESUMO

A partir das articulações do saber científico e do senso comum, se elencam significados e apropriações de termos como social, cultural, e o seu composto: sociocultural. Analisar textos de relações públicas ou aqueles com cientificidade aprovada pode levar a interpretações diversas e até mesmo conflitantes sobre uma mesma expressão. Este artigo, através do embasamento proveniente dos Estudos Culturais e da metodologia de Análise do Discurso, enseja discutir as variadas utilizações do termo sociocultural e refletir sua essencial significação - segundo as raízes do próprio termo no *social* e no *cultural*, para então iniciar um questionamento sobre suas transformações semânticas que talvez possam se aproximar da redundância ou do obsoleto.

ABSTRATC

From the joints of scientific knowledge and common sense, if we list appropriations and meanings of terms such as social, cultural, and your compost sociocultural. Analyze texts of public relations or those with approved scientific can lead to different interpretations and even conflicting on the same expression. This article, through the foundation from the Cultural Studies and Discourse Analysis methodology, intended to discuss the varied uses of the term sociocultural and reflect its essential meaning - according to the roots of the term itself in the social and cultural, then to start an inquiry about their semantic transformations that can perhaps to approach of redundancy or obsolete.

PALAVRAS CHAVE: Cultura, Social, Sociocultural, Discurso, Relações Públicas.

INTRODUÇÃO

Primordialmente estamos condicionados ao senso comum, este pode ser incorporado ou ressignificado no saber científico, que por sua vez também não deixa de oferecer signos novos para explicações do cotidiano de forma independente. A epistemologia da ciência torna-se assim um objeto um tanto quanto abstrato e complexo, onde alguns conceitos têm diferentes significados de acordo com a teoria utilizada. Falando-se de cultura, considerada multidisciplinar, é fácil obter diferentes

¹ Trabalho apresentado no Intercom Jr – Categoria Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 08 a 10 de maio de 2014.

² Acadêmico de Comunicação Social – Relações Públicas pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e bolsista de Iniciação Científica, Ensino e Extensão no Programa de Educação Tutorial em Comunicação Social na mesma instituição (PETCom-UFSM).



linhas de raciocínio que a problematizam diferentemente, mesmo com um objetivo em comum.

O conceito de sociocultural é um daqueles que pode ser discutido partindo do princípio de que tal é utilizável em distintas formas quando citado em trabalhos da sociologia ou antropologia, por exemplo, nem sempre de maneira muito clara e objetiva. O intuito deste artigo, porém, não é exatamente explicar sobre como se dá os processos do *social* e do *cultural*, pormenorizando suas articulações, por ser considerado este um objeto complexo em demasia e que demandaria mais espaço e tempo do que um trabalho como esse consegue ofertar.

O principal objetivo daqui é suscitar interrogações sobre a utilização do termo sociocultural em determinados textos produzidos por uma fundação – o Itaú Social, que fomenta iniciativas culturais na intenção de intervir socialmente perante comunidades específicas, iniciando uma discussão sobre como é empregado o termo em questão no discurso desses conteúdos, e principalmente, se ele condiz com seu significado científico plausível, além de enumerar algumas citações clássicas que corroboram a ambiguidade da sua utilização.

Para tanto, temos primeiro de nos situarmos sobre como andam as pesquisas no âmbito do *cultural* e do *social*, e qual conceito pode se melhor seguir. Originalmente, os estudos de Stuart Hall (1997), tratam de uma epistemologia cultural do discurso, a qual segue normatizações científicas para a criação de conceitos; e da cultura do substantivo, empiricamente baseada nas experimentações da vida cotidiana, sedimentando signos historicamente através das gerações. Tal pensamento materializa o conflito das nomenclaturas iniciado acima, problematizando as esferas da cientificidade e do senso comum, que se sobre e contrapõem.

Reconhecendo os variados sentidos que o termo aqui problematizado pode possuir de acordo com o contexto onde ele é utilizado, foi útil se esquematizar os possíveis significados relacionados ao emprego de sociocultural. Assim somos remetidos à virada cultural, sobre como a cultura passou a ser vista antropologicamente falando. Haveria então três conceitos para o termo cultura: 1) cultura como cultivo de mentes, o advento da civilidade humana; 2) cultura artística, denotada como cultura popular ou de massa e cultura erudita; e 3) cultura como repertório, sendo este o conjunto de experiências e informações adquiridas ao longo da vivência.

A partir disso, averiguaremos publicações da Fundação Itaú Social, disponibilizadas virtualmente no sítio da organização, as quais incluem “sociocultural”



em suas produções, interpretando tais usos dependendo da sua contextualização e de acordo com um dos três tópicos acima elencados. Assim relacionaremos tais casos com os conceitos cunhados cientificamente, objetivando visualizar a realidade social da atualidade, para saber se ela apenas reproduz suas ambiguidades e fragilidades teóricas, ou os consagra primorosamente, ou ainda se dá a eles novos valores semânticos, deturpando seu significado essencial.

Das Perspectivas da Cultura

O estudo dos fenômenos culturais é uma preocupação de importância central para as ciências sociais como um todo. Isto porque a vida social não é, simplesmente, uma questão de objetos e fatos que ocorrem como fenômenos de um mundo natural. (THOMPSON, 2009: 165)

Dentro dos Estudos Culturais, J. B. Thompson (2009) em seu livro “Ideologia e Cultura Moderna” remonta a história da utilização e significação do termo cultura ao longo do tempo e suas transformações de acordo com o intento de cada malha social a partir de seus fatores espaço temporais. Para ele, o conceito de cultura “é um conceito que possui uma longa história própria, e o sentido que ele tem hoje é, em certa medida, um produto dessa história” (Thompson, 2009: 165).

Thompson articula a historicidade desde cultura relacionada a cultivo agrícola até a virada cultural com os primeiros estudos antropológicos entre o fim do século XVIII e início do XIX, passando por *Kultur* e *Zivilization* como sinônimos e também como antônimos na visão alemã: onde culto se relaciona com o refinamento através da arte e da ciência e civilizado apenas vincula-se ao aprimoramento do requinte social.

Em resumo, com essa pesquisa o autor explica a gradação dos conceitos hoje relacionados quando se menciona *cultura*, elencados por Stuart Hall (1997) em seu artigo “A Centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo” e aqui citados introdutoriamente. Ainda sobre a argumentação de Thompson (2009), ela sugere a concepção estrutural de cultura, baseada em seus estudos hermenêuticos. De acordo com tal:

Os fenômenos culturais podem ser entendidos como formas simbólicas em contextos estruturados; e a análise cultural pode ser pensada como o estudo



da constituição significativa e da contextualização social das formas simbólicas. (Thompson, 2009: 166)

Então é notório que exista algo mais subjetivo relacionado ao sujeito, ou seja, uma “constituição significativa”, que somente quando se correlacionar a “contextos estruturados”, podendo estes serem vistos como uma organização social, poderá originar tais “formas simbólicas” e em consequência os “fenômenos culturais”. A partir dessa ótica, a sociedade é característica inata da cultura, conjuntamente com os fatores ligados ao indivíduo.

Direcionando-se agora a Raymond Willians (1969), em “Cultura e Sociedade”, o autor traz diversos conceitos dissertando sobre os termos do título de sua obra. Um deles é o esboço feito sobre cultura por Karl Marx, no qual também se identifica uma essência individual submetida a relações do coletivo:

Na produção social em que os homens se empenham, acabam eles submetidos a relações que são inevitáveis e independentes de suas próprias vontades; [...] O modo de produção da vida material determina o caráter geral dos processos sociais, políticos e espirituais da vida. Não é a consciência dos homens que lhes determina a existência, mas, ao contrário, a existência social que determina suas consciências. (Marx, *apud* Willians, 1969: 277)

Considerando essas relações de produção como constituintes de uma estrutura econômica primordial e necessária, a qual tem a capacidade de alterar o sistema por completo quando movimentada, além dela ser o alicerce onde se erguem as superestruturas, dentre as quais podemos citar o estado, Marx *apud* Willians (1969) fornece um embasamento teórico para o que hoje é discutido dentro dos estudos sobre cultura. É importante salientar que segundo o Marxismo crítico da economia política, se sobrepuja o artífice social à consciência humana, revelando uma relação de poder entre o social e o subjetivo.

Finalmente com a contribuição de Hall (1997) a qual diz respeito à centralidade da cultura, vista no centro dos processos sociais, dizendo inclusive que nem tudo é cultura, mas que tudo tem um teor cultural, se evidencia que os resultados de tais pesquisas andam em linha paralela revelando o individual mais o social construindo os fenômenos culturais através de suas interações.



Viabiliza-se dessa maneira o início de uma discussão sobre a necessidade de ainda se utilizar o termo sociocultural em seus variados empregos, já que não se faz cultura sem sociedade, e nem mesmo existe uma sociedade sem cultura. Então, não seria suficiente mencionar cultural, ou até mesmo social se o caso for, ao invés da junção quase redundante do sociocultural? Antes de se pensar numa resposta para essa questão, porém, é interessante também se inteirar sobre o termo social, já que este, do mesmo modo está presente e exerce influência no grifo de sociocultural.

Das perspectivas do Social

Debatendo o tema do social pelo viés das mídias sociais, e justamente perguntando o que tem de social nessas mídias, Alex Primo (2012) leva à tona dois prismas: o da Sociologia Clássica e o da Teoria Ator-Rede. A primeira “recorre-se ao social como pressuposto” (Primo, 2012: 627) e para a segunda “o social é um produto das associações, [...] é isso que se torna visível quando novas associações são fabricadas” (ibidem). Visualizando mais uma corroboração, segundo Latour (2005), o social

É uma associação entre entidades que não são de nenhuma forma reconhecíveis como sendo sociais na maneira comum, exceto durante o breve momento em que são rearranjadas. (LATOURE, 2005: 65)

Ainda por Latour (2005), “a Sociologia do Social confunde o que se quer explicar com a própria explicação. Circularmente, aquilo que se diz social é explicado justamente por ser social”, (Latour, 2005 *apud* Primo, 2012: 626) dando margem a “definições prototípicas. Isto é, uma listagem de exemplos é usada como única explicação” (Primo, 2012: 622). São fornecidos exemplos do que pode ser social e do que não pode ser, ao invés de se conceitualizar aprofundadamente o próprio termo.

Facilmente nota-se com isso, que algumas linhas de pensamento trazem o social – assim como o termo “mídias sociais” de Alex Primo (2012), equivalente a “algo trivial, de significado pré-contido e transparente, [possuidor de] um entendimento consensual e inquestionável” (Primo, 2012: 622). Àquilo que todos estão familiarizados o bastante para encarar de maneira tão concreta e bem estruturada que acaba por se transformar em abstrato, quase que intangível pela fugacidade que carrega.



O que se tem neste caso é exatamente o contrário do que se encontra sobre cultura: um termo que possui vasta história e mutabilidade assimiladora, concedendo espaço para vários contextos e interpretações que agora é colocado ao lado de outro termo que de tão utilizado, é concebido como de conhecimento de todos e justamente por isso tem escassa formalização conceitual. O *sociocultural* nasce a partir da truncada vastidão teórica articulada à abstração daquilo que por muito já foi edificado – a junção do social e do cultural.

Das perspectivas do Sociocultural

Sabemos que o termo cultura tem vasta aplicabilidade em função de sua um tanto quanto vasta história conceitual. Sabemos também que em decorrência da falta de explicações embasadas sobre o termo social, visto como parte do senso comum, ele também pode ser aplicado de diversas maneiras. E quanto ao termo o qual é objeto deste artigo? Ele herda essas várias funções semânticas tanto do *cultural* e do *social*, onde por vezes é utilizado num contexto que não exige um contingente explicativo significativo e por outras por participar de um discurso complexo e truncado em demasia que se faz por necessária sua menção?

Interpretando *sociocultural* a partir do primeiro ou do segundo pensamento esquematizados acima a partir de Stuart Hall (1997), poderíamos dizer que ele estaria relacionado a atividades culturais, de ensinamento ou amostragem artística, que influenciariam um grupo social de alguma forma. A discussão daqui se dá pelo terceiro pensamento, a visão antropológica de sociocultural, com o conceito de centralidade da cultura. O termo galgaria assim a redundância em função da idéia cuja defende um teor cultural em todas as coisas, além do desenvolvimento teórico que compõe os fenômenos culturais através do sujeito em seu contexto, ou seja, justamente somado ao fator social, sendo desnecessário lembrá-lo, levando-se em conta que o mesmo já está imbricado na cultura.

Com isso não se pode afirmar que *sociocultural* está paralelo aos termos sociopolítico ou socioeconômico, por exemplo. Porque enquanto política e economia podem ser vistos como fatores constituintes do social - estruturas que sustentam uma superestrutura, o *cultural* e o *social* não podem se dividir, pois estão mesclados e intrínsecos um ao outro, além de ocorrer aí uma inversão substancial: quem seria



considerado como fator constituinte aqui é o social, a cultura por sua vez seria constituída a partir dele.

É claro que, sobretudo nas Ciências Sociais e Humanas, tudo que é discutido tem um teor pouco objetivo. Longe de aproximarem-se de uma exatidão, as discussões levantadas têm vários pontos em conflito e nem mesmo assim perdem sua cientificidade. Ademais, temos Kuhn (2006), o qual explicita sobre o surgimento de um novo paradigma teórico através de um conjunto de ideias que coloca seu respectivo antecessor em crise. Ele fala ainda que embora se origine uma nova concepção de mundo a partir desse fenômeno, a troca de paradigmas não altera as regras da produção científica do conhecimento.

Ou seja, é comum na mudança ou na adição de paradigmas, como ocorreu com a virada cultural, que se criem e evoluam linhas de pesquisa confluentes e divergentes, até que se assente a mais plausível e consagrada pelos pares, se é que em alguns casos isso vem a acontecer. Em outras palavras, poder-se-ia haver sempre autores citando *sociocultural* em suas produções, ignorando sua suposta ambiguidade, e também haveria na mesma condição outros autores preterindo esse termo, para utilizar *cultural* como substituto suficientemente inteligível, e agora ainda mais lógico. Tornando-se essa uma questão muito mais individual, que segue as preferências ideológicas e teóricas de cada autor.

Os usos científicos da expressão

Temos, a partir disso, autores clássicos que usufruem do termo em suas produções. Um deles é Darcy Ribeiro (1987) com seu “Processo Civilizatório – etapas da evolução sociocultural”, que nivelou a antropologia brasileira à mundial, com uma abordagem abrangente que esquematizou uma linha evolutiva das civilizações. O autor cita por inúmeras vezes o termo em questão, tanto que ele se encontra no subtítulo de seu livro. Um dos casos é quando ele fala da quarta ordem de deformação nas Ciências Sociais, originada pela inexistência de um esquema o qual ele se propõe a construir, consubstanciada na

Contingência de deixar implícita, em muitos estudos, uma teoria da **evolução sócio-cultural** que jamais se discute diretamente. Acresce ainda que até mesmo os estudos realizados à base da metodologia da **evolução cultural**



frequentemente se formulam dentro de limites tão acanhados, que não proporcionam uma explanação da **dinâmica cultural** em termos de causalidade, nem conduzem à formulação de teorias explicativas dos modos de ser e de interagir das sociedades contemporâneas, enquanto resultantes de longos e complexos processos históricos. (Ribeiro, 1987: 29-30)

A inquietação dessa citação começa quando para se falar sobre o mesmo objeto – a evolução civilizatória, se utiliza por vez o termo “sócio-cultural” e por outra apenas o “cultural”. Vale ressaltar que antes disso o autor não explicita o conceito de ambos segundo ele próprio, o que inviabiliza uma interpretação única ou correta sobre o porquê dele ter utilizado tais termos nestes casos, sem anteriormente exercer uma análise aprofundada, através de toda sua bibliografia, para assim esmiuçar o que significa, segundo Darcy Ribeiro, tanto *sociocultural* quanto somente *cultural*.

Outra interrogação que surge na mesma citação, diz respeito à expressão “dinâmica cultural”: esta poderia ou não ser substituída por *sociocultural* sem ferir os pressupostos implícitos do autor? Mais um caso é o de Mauro Wolf (1987), numa literatura terciária em “Teorias da Comunicação”, trazendo uma historicidade teórica sobre os meios de comunicação de massa, que em certo momento se utiliza também do *sociocultural* em sua explicação:

Os mass media não são a única fonte de satisfação dos vários tipos de necessidades sentidas pelos indivíduos; pelo contrário, de vez em quando, a comunicação de massa é utilizada como recurso, na ausência de alternativas funcionais mais adequadas. Todavia, é necessário ter em conta que estas não são equivalentes nem todas igualmente acessíveis ou significativas: o **contexto sociocultural** e relacional em que as alternativas funcionais são vividas concorre para estabelecer, descrever e prescrever a acessibilidade e a funcionalidade dos mass media. (Wolf, 1987: 70)

Mais necessário do que se compreender holisticamente a citação, que segue a linha dos usos e gratificações e coloca os mass media como substitutos nas satisfações de necessidades impossibilitadas pelo contexto no qual o indivíduo está inserido, faz-se mais útil, neste caso, se questionar sobre o termo usado, e se ele não mais confunde o leitor do que o auxilia no pleno entendimento da ideia.

Por fim, temos Néstor García Canclini (1995), em “Consumidores e Cidadãos”, falando sobre “quatro circuitos **socioculturais**, em que a transnacionalização e as



integrações regionais operam de maneiras diferentes” (Canclini, 1995: 37), com isso incitando interrogações semelhantes às citadas anteriormente. Ambos circuitos tratam de manifestações antropológicamente culturais de grupos que se relacionam e praticam a chamada negociação. Então, partindo desse pressuposto, seria realmente necessário utilizar o termo escolhido, ou apenas *cultural* bastaria? Novamente, apenas saberíamos se fizéssemos um estudo minucioso sobre os conceitos de Canclini.

O que se quer realizar aqui, porém, não é uma análise dos textos clássicos que incluíram “sociocultural” em seu discurso. É sim, mostrar que existem menções às quais fornecem ambiguidades que podem ou não serem absorvidas pelos textos de Relações Públicas em empresas ou fundações, como no caso do Itaú Social, por exemplo. Que é o que veremos a seguir.

Dos usos públicos da expressão

O modo como as empresas e instituições podem se (re)apropriar do termo *sociocultural* é diverso. Ainda agora com a ascendência das práticas de relações públicas que visam exercer atividades não lucrativas, mas que estabeleçam um contato maior entre uma dada empresa e seus públicos, através de intervenções sociais e culturais, seja direta ou indiretamente. A partir disso, tais estratégias objetivam construir e administrar uma imagem positiva da marca, atrelada então a iniciativas que prezam pelos direitos humanos.

O significado de *sociocultural* nos materiais produzidos por essas ações pode ser embebido tanto das fontes do senso comum, quanto das publicações científicas, e em função da variedade semântica, nenhuma das referências pode garantir fidelidade, ou até mesmo discrepância, com a ideia aqui levantada *sobre social e cultural*. As utilizações feitas por uma mesma corporação podem gerar por elas próprias ambiguidades e questionamentos sobre o que o termo significa e o que ele quer dizer segundo ela mesma.

É o caso da Fundação Itaú Social, vinculada ao Banco Itaú, que tem como objetivo principal desenvolver e disseminar métodos que criem possibilidades para melhorar políticas públicas na área da educação, além de avaliar projetos sociais em todo o Brasil. Os textos publicados pela fundação não são direcionados à academia, mas são construídos segundo um aporte científico, tanto que seus responsáveis compõem o “Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária”, ou seja,



eles transitam sempre entre o discurso de relações públicas e a cientificidade. Esse fator torna tais produções complexas quando essas se tornam objetos de análise, pois por vezes concedem espaço a leituras teóricas, e por outras àquelas mais práticas.

Um desses casos pode ser visto numa publicação que discute o assunto do ensino em período integral, onde cita que “Os novos paradigmas consideram que a educação deve acontecer de uma maneira contextualizada e articulada ao universo **sociocultural** das cidades e comunidades.”³ (Lomonaco; da Silva, 2013: 22). Nesse emprego, fica evidente que o “universo” em questão se dá num ambiente social: das cidades e comunidades. A partir disso, e levando em consideração os pensamentos articulados até aqui, o termo *cultural* já seria suficiente, tornando o “sociocultural” fator de redundância.

Noutro caso, dissertando sobre o ambiente que os educadores anseiam em suas comunidades, se compara o signo em questão com uma teoria de Lyotard- aquilo que se deseja seria então “uma espécie de unidade **sociocultural** moderna, na qual ‘todos os elementos da vida cotidiana e do pensamento encontrariam um lugar como em um todo orgânico’”⁴ (Arruda; Brunsizian; Pardini, 2013: 27). Fazendo tal citação, dão a ideia de uma simbiose cultural recíproca que se articula organicamente, ou seja, usando apenas o termo cultural, suficientemente inteligível, poder-se-ia dizer que assim como diferentes órgãos com distintas funções e que formam juntos um sistema, as culturas, agora em unidade, poderiam formar a sociedade.

Por fim, é possível também desconsiderar o termo composto partindo da premissa de que não há cultura sem sociedade, e reciprocamente, sociedade sem cultura, na análise da epígrafe a seguir, retirada da “Avaliação Econômica de Projetos Sociais” do Itaú Social de 2005:

Além de fazerem provas de língua portuguesa (nas quais são avaliadas as habilidades de leitura) e matemática (em que se avalia a capacidade de resolver problemas), os alunos respondem a perguntas sobre seu perfil **sociocultural** e hábitos de estudo. (Schor; Afonso, 2005: 49)⁵

Partindo do princípio de que os textos são de autorias diferentes as quais podem utilizar do termo segundo suas próprias ideologias, mesmo que dentro de certos limites

³ Visualizado em < fundacaoitausocial.org.br/biblioteca/artigos-e-publicacoes/ >. Acesso em dezembro de 2013.

⁴ Idem.

⁵ Idem.



por participarem da mesma corporação, lembraremos da sua truncada formação referencial, o que de fato dificultaria uma unidade explicativa. Sabe-se também que por mais claro que pareça para um receptor o significado de um texto, há infinitas chances deste ser diferente daquele composto pelo emissor, portanto, pode-se dizer que através das interpretações feitas a partir dos discursos analisados, não se pode chegar numa conclusão definitiva sobre o que de fato eles significam. Portanto, as hipóteses aqui levantadas também não se configuram absolutas. Acredito, contudo, que evidentemente o significado plausível e essencial de *sociocultural* foi e é constantemente deturpado a favor da situação cuja está sendo articulado, pondo em risco sua utilidade para assim galgar o obsoleto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conseguiu-se apreender a partir dessa pesquisa, que tanto os textos científicos quanto os de relações públicas tratam bastante sobre o termo sociocultural no que se relaciona a seus fatores atuantes de causa ou consequência, porém não se ocupam num primeiro momento a caracterizá-lo ou descrevê-lo⁶. Muitas vezes seu uso é incorreto ou desconexo, justamente por não se aprofundarem as discussões sobre as expressões que o compõem, para assim se refletir sua apropriação. Criam-se dessa maneira novas ramificações semânticas que por fim podem até mesmo se contradizerem.

Analisando *social* como aquele produto que resulta das associações de articulação e sobrevivência entre entidades e *cultura* como a produção do indivíduo, subjetiva, somada a sua historicidade e seu cotidiano global, ou seja, a algo exterior e socializado, podemos tornar em vários casos o uso de *sociocultural* tanto redundante quanto irrelevante. Em resumo, o que acontece é que mesmo havendo fronteiras permeáveis entre as duas teorias, consegue-se visualizar, sobretudo, a cultura proveniente do individual e da sociabilidade, tendo imbricado já no termo cultural o fator social, além daquele que vem do sujeito.

Por fim concordo com Alex Primo (2012) quando diz que a percepção de um dado problema estaria inviabilizada em função de certos conhecimentos ainda não disponíveis, o que dificultaria a confecção de merecidas respostas definitivas para tal, e arremato dizendo que mesmo quando já existam tais conhecimentos, e que estes

⁶ Tentei contatar a Central de Atendimento Online do Itaú Social durante o período da presente pesquisa, para questionar sobre o que a instituição tem por “sociocultural”, sem obter êxito em função de problemas no software que sustenta tal espaço de contato no site da Fundação.



caminhem para a consagração, haverá da mesma maneira aqueles que preferam não problematizar alguns assuntos e continuar, através de seus assentamentos empíricos, científicos e ideológicos, com os mesmos signos e seus respectivos significados. Principalmente embasadas pela possibilidade não pragmática oferecida pelas Ciências Sociais e Humanas. Quero dizer com isso que torna-se viável a aplicação dessa teoria no caso da Virada Cultural e dos usos de tais expressões como *cultura*, *sociocultural* e *social*, seja analisando tanto o discurso do senso comum, quanto o do saber científico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AFONSO, Luís Eduardo; SCHOR, Adriana. *Avaliação Econômica de Projetos Sociais*. São Paulo: CENPEC, Itaú Social – Unicef, 2005.

ARRUDA, Ana Cecília Chavez; BRUNSIZIAN, Izabel; PARDINI, Marcelo Bragato (coord.). *Educação integral: Experiências que transformam – subsídios para reflexão*. São Paulo: CENPEC, Itaú Social – Unicef, 2013.

BANCO ITAÚ. Fundação Itaú Social. *Quem Somos – A Fundação*. www.fundacaoitausocial.org.br/a-fundacao/quem-somos. Acessado em 02/12/2013.

CANCLINI, Néstor García. *Consumidores e cidadãos; conflitos multiculturais da globalização*. Tradução de Javier Rapp e Maurício Santana. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1995.

HALL, Stuart. “A Centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo”. Tradução de Maria Isabel Bujes, Marisa Vorraber Costa e Ricardo Uebel. In THOMPSON, Kenneth (org.). *Media and Cultural Regulation*. Londres: SAGE Publications Ltd, 1997.

KUHN, Thomas. *As Estruturas das Revoluções Científicas*. Tradução de Beatriz Vianna Boeira e Nelson Boeira. São Paulo: Editora Perspectiva, 2006.

LATOUR, Bruno. *Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica*. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 2005.

LOMONACO, Beatriz Penteadó; DA SILVA, Letícia Araújo Moreira (coord.). *Percursos da educação integral em busca da qualidade e da equidade*. São Paulo: CENPEC, Itaú Social – Unicef, 2013.



PRIMO, Alex. “O que há de social nas mídias sociais? Reflexões a partir da teoria ator-rede”. *Revista contemporânea | comunicação e cultura*, Salvador, setembro a dezembro de 2012, p. 618-641.

RIBEIRO, Darci. *O Processo civilizatório: estudos de antropologia da civilização: etapas da evolução sócio-cultural*. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.

THOMPSON, John B. *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. Tradução do Grupo de Estudos sobre Ideologia, comunicação e representações sociais da pós-graduação do Instituto de Psicologia da PURCS. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.

WILLIAMS, Raymond. *Cultura e sociedade: 1708-1950*. Tradução de Leônidas H. B. Hegenberg, Octanny Silveira da Mota e Anísio Teixeira. São Paulo: Editora Nacional, 1969.

WOLF, Mauro. *Teorias da Comunicação*. Tradução de Maria Jorge Vilar de Figueiredo. Lisboa: Editorial Presença, 1987.